

OMNIA

HUMANAS

Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI)

www.fai.com.br

SCATOLIN, Henrique Guilherme. Contribuições da psicanalista francesa Piera Aulagnier ao legado freudiano: um enfoque sobre o desejo dos pais. *Omnia Humanas*, v.3, n.2, p.56-63, 2010.

Título: Contribuições da psicanalista francesa Piera Aulagnier ao legado freudiano: um enfoque sobre o desejo dos pais

Autor: Henrique Guilherme Scatolin¹

Resumo

Este ensaio teórico tem como objetivo realizar um levantamento na obra da psicanalista francesa Piera Aulagnier sobre o desejo dos pais. Ao longo da explicação dos três modos de funcionamento psíquico (originário, primário e secundário), o autor procura focar a entrada em cena da figura materna e paterna, ressaltando os seus respectivos desejos por determinado filho. Conclui que para uma análise do desejo que cada casal nutre em relação ao seu filho (a) é melhor uma compreensão destes três modos de funcionamento psíquico, considerando o recalçamento da sexualidade infantil de ambos os pais; já que este possibilita um investimento libidinal de uma forma singular e autônoma em cada filho.

Palavras Chaves: Piera Aulagnier, modos de funcionamento psíquico, desejo dos pais.

Title: Piera Aulagnier's contribution to Freudian met psychology: a focus on modes of operation from originary, primary and secondary to the formation of self

Summary

This article aims to survey the work of french psychoanalyst Piera Aulagnier about the modes of operation from originary, primary and secondary to the formation of Self. Throughout the explanation of these three modes of psychic functioning, the author focuses specifically on the arrival on the scene of maternal and paternal figure, highlighting their desire for a particular child. He concludes that for better understanding of these three modes of psychic functioning is necessary to relieve the repression of infantile sexuality from both parents, since this enables a libidinal investment in a unique way and each child unattended.

Keywords: Piera Aulagnier, modes of mental functioning, parents' desire.

Introdução

Muitos devem estar se indagando sobre o motivo pelo qual seria necessário buscar em Piera Aulagnier as contribuições metapsicológicas ao legado freudiano; já que esta psicanalista teve uma vasta experiência com pais de psicóticos enquanto que Freud somente atendia neuróticos adultos e nunca entrou em contato com os pais de seus respectivos pacientes (o que é fundamental na análise infantil e na de psicóticos).

Esta indagação pode ser respondida por esta célebre frase de Aulagnier (1975, p. 17):

“Confrontados à psicose, descobrimos que o modelo de Freud não respondia a uma parte destas questões e [...] vimos que a aplicação desse modelo à resposta que esse discurso suscitava em nós, deixava excluída uma parte de nossa própria vivência [...]. Foi necessário reconhecer que, a partir do momento em que privilegiávamos uma forma particular de questionamento, o modelo apresentava anomalias, qualquer que fosse o funcionamento da psique ao qual ele se aplicava”.

Assim, com base em sua clínica com pacientes psicóticos, Aulagnier se deparou com os limites que a psicanálise freudiana apresentava para tratar desta forma de sofrimento psíquico e de sua analisabilidade; pois para Freud, o psicótico não realizava transferência e que, por isso, não poderia se beneficiar de uma análise. É necessário ressaltar que a clínica freudiana se fundamentou na análise de pacientes neuróticos adultos. E ao possibilitar a análise de psicóticos, Aulagnier apresenta contribuições metapsicológicas, psicopatológicas, metodológicas, técnicas e éticas ao legado freudiano, respondendo assim ao apontamento freudiano segundo a qual só com futuros progressos da psicanálise é que esta poderia se tornar acessível à análise de psicóticos.

Material e métodos.

Para a elaboração deste artigo foi realizado uma revisão de literatura nos principais textos escritos por esta psicanalista. A partir da leitura do livro intitulado *A Violência da Interpretação* (publicado em 1975), passando pelos livros *Destinos do Prazer* (de 1979) e *Um Interpretete em Busca de Sentido* (de 1986) é dado um foco na relevância do desejo paterno e materno, destacando os três modos de funcionamento psíquico. Assim, a partir de uma pesquisa qualitativa de revisão de literatura busca-se apontar a relevância dos pais para a constituição psíquica do bebê.

Resultados.

Segundo Aulagnier (1979, p. 105) “todo indivíduo nasce num ‘espaço falante’ e é por isto que, antes de abordamos a estrutura do Eu como instância constituída pelo discurso, analisaremos as condições necessárias para que este espaço ofereça ao Eu um habitat adequado as suas exigências”. Para o advento do Eu, não só o desejo materno é importante para a constituição psíquica da futura criança, mas também o desejo paterno em relação a este filho; já que a criança nasce em um espaço familiar organizado pelo discurso e pelo desejo do casal parental entre si e em relação aquele bebê.

De outro lado, o que seria este Eu para Aulagnier? Primeiramente, é necessário apontar que o Eu pertencente à metapsicologia de Aulagnier é diferente do ego freudiano. Para Freud (1914, p. 84) “[...] uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem que ser desenvolvido”. Freud não especifica a data em que este ego se constitui, sendo o narcisismo a primeira forma pela qual o ego se constitui como ego ideal; pois os pais, ao reviverem seu próprio narcisismo durante o nascimento de seu filho (a), realçam este ao patamar de sua ‘majestade, o bebê’. E o mestre (1923, p. 39) ainda releva que “ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal”. Este ego é fruto das sensações corporais, principalmente daquelas provenientes da superfície do corpo.

Em relação ao ego freudiano, Aulagnier (2010, p. 63) diz:

“Para mim, o Eu é uma instância que está diretamente vinculada à linguagem. Não há lugar em minha concepção metapsicológica para o conceito ego-id indiferenciado. Neste sentido, não se pode fazer uma equivalência entre a maneira como Freud se serve do conceito de ego [...] e o que tenho definido como Eu. Defini um conceito para mim fundamental que é o Eu antecipado e não se pode falar de um ego antecipado no discurso materno [...]”.

Para Aulagnier, este Eu é um Eu historizado que insere o bebê, desde o seu nascimento, numa ordem temporal e simbólica; já que este Eu nasce imerso na história edipiana dos pais e se desenvolve através de uma dialética identificatória. Sobre isto, esta psicanalista (2010, p.63) aponta que “minha diferença com Lacan é que, para mim, o Eu não está condenado ao desconhecimento, nem é uma instância passiva. Ainda que seus primeiros identificados sejam providos pelo discurso materno, o Eu também é uma instância identificante e não é um produto passivo do discurso do Outro”. Como este Eu é antecipado pelo desejo materno, este Eu não pode ser considerado o equivalente ao Eu lacaniano pois esta instância é constituída por duas dimensões: a identificada (provida pelo discurso materno) e a identificante (que não é produto passivo do discurso do Outro). De outro lado, este Eu também é estruturado pela linguagem à medida que, mesmo antes de vir ao mundo, o infans² é pré-enunciado e pré-vestido pelo discurso do casal parental. Este bebê nasce em um meio familiar, um “micro-meio”, que Aulagnier (1979, p. 105) define como “espaço falante”. Assim, este futuro Eu se constitui em um micro-meio familiar organizado pelo discurso dos pais, pelo desejo que une os pais e pelo desejo de cada um destes por este filho.

Para Aulagnier (1979, p. 109-113):

“Precedendo o nascimento do sujeito preexiste um discurso que o concerne: espécie de sombra falada e suposta pela mãe que fala, ela se projeta sobre o corpo do infans – quando do seu nascimento – tomando o lugar deste a quem se dirige o discurso do porta-voz [...]. A mãe [...] imputa à sombra um desejo que ela desconhece [...]. O que chamamos de sombra é, portanto, constituído de uma série de enunciados que testemunham o desejo materno referente à criança; eles constituem uma imagem identificatória que antecipa o que será enunciado pela voz deste corpo, ainda ausente”.

Ou seja, esta sombra é a herdeira da história edipiana da mãe; como também de seu recalcado. Esta sombra antecipa o próprio recalcado da criança, possibilitando uma reorganização do espaço psíquico do futuro bebê; já que a mãe transmite ao bebê um reprimido necessário para a estruturação do seu futuro Eu, sendo este reprimido o antecessor da função desempenhada por uma terceira referência, que é o pai. Além disso, esta sombra a resguarda do retorno do seu desejo reprimido de ter um filho do seu próprio pai. Assim, a mãe realiza a função de porta-voz, inserindo o bebê no discurso do meio, apontando-lhe as leis e as exigências deste.

Ao publicar *Os Destinos do Prazer*, esta psicanalista retoma a constituição do Eu, destacando (1979, p. 139) que “para que a vida do Eu seja possível, é necessário que o porta-voz tenha investido o Eu que ele antecipa, fornecendo-lhe pensamentos com função identificatória, enquanto o Eu ainda não pode pensá-los ou inventá-los”. A imagem do bebê construída ao longo da gestação, a qualidade e a intensidade deste investimento são fundamentais para o seu futuro desenvolvimento psíquico. O Eu do bebê, como anteriormente já mencionado, é antecipado pelo Eu da mãe; já que desde o nascimento, a mãe interpreta, em termos de sentimentos, as manifestações das atividades pictográficas do aparelho psíquico do bebê. Por ocasião dos primeiros encontros entre o corpo real do bebê e representação psíquica que a mãe elabora deste, estes encontros podem ser fonte de (des) prazer para o recém-nascido. Isto significa que a mãe antecipa um corpo ainda ausente, formulando pré-enunciados e pré-vestimento libidinalmente este corpo, constituindo assim um ‘corpo falado’ que, por sua vez, deverá se ancorar no corpo real do bebê.

De outro lado, é necessário ressaltar que para Aulagnier o Eu se constitui entre os 06 e 18 meses (durante o estágio do espelho lacaniano); mas antes deste Eu advir por meio da identificação especular ou imaginária, são outros modos de funcionamento psíquico que irão representar o vivido na psique do bebê: são estes o originário, o primário e o secundário (que corresponde ao advento do Eu).

Em relação aos modos de funcionamento psíquico, Aulagnier (1975, p. 26) postula que os processos originário, primário e secundário “não estão imediatamente presentes na atividade psíquica: eles se sucedem temporalmente e a emergência de cada um deles resulta da necessidade que se impõe à psique de tomar conhecimento de uma propriedade de objeto, exterior a ela, propriedade que o processo anterior tinha obrigação de ignorar [...]”. Estes três modos de funcionamento psíquico que produzem a representação do vivido na psique não estão presentes em atividade desde o nascimento. Embora Aulagnier não tenha estabelecido datas, podemos apontar que o originário está em atividade desde o nascimento, sendo sucedido pela entrada do primário e, no momento do advento do Eu, pelo secundário. Assim é que todo o vivido será metabolizado por estes três processos que passarão a coexistir de uma forma mais ou menos conflituosa.

Os três modos de metabolizar o vivido: uma breve discussão.

O Processo Originário.

Aulagnier (1975, p. 41) declara que “o encontro originário, em princípio, acontece no momento do nascimento [...]. Quando falamos de momento originário, é a este ponto de partida que nos referimos”. Durante o nascimento, no momento do encontro inaugural boca-seio, entra em cena o modo de funcionamento do originário, modo este anterior ao processo primário. A atividade do processo originário exige o encontro entre um órgão sensorial (como a boca) e um objeto exterior (como o seio) que venha a estimulá-lo. Este é um processo que antecede a entrada em cena do processo primário freudiano e cujo encontro na psique do bebê é registrado através de uma representação pictográfica ou pictograma.

Para Aulagnier (1975, p. 43-44) “a representação pictográfica deste encontro tem a particularidade de ignorar a dualidade que a compõe [...]. Diremos desde agora que a condução essencial é que esta experiência possa se representar como causando prazer as duas entidades que definiremos como ‘objeto-zona complementar’.” Devido à exigência da representabilidade, a atividade de representação deste modo de funcionamento inscreve na psique do bebê uma ‘imagem de coisa corporal’; isto é, uma imagem de zona-objeto-complementar. De outro lado, segundo esta psicanalista, a representação pictográfica, que é pulsional, não reconhece a boca separada do seio; ou seja, o órgão sensorial representado pela zona erógena (boca) e o objeto complementar externo (seio) é representado pictograficamente como uma unidade que podem estar unidas (caso a experiência seja prazerosa), tornando-se fusional; ou se repelem, caso ocorra o desprazer. Assim, o único modo de inscrição psíquica deste modo de funcionamento é sensorial, proporcionando prazer ou desprazer ao bebê.

Convém lembrar que ao nascer, a psique incipiente do bebê encontra dois fragmentos do mundo: o seu próprio corpo e a psique dos outros, a começar pelo Eu materno. Este primeiro encontro com a mãe é fundamental para o início da constituição psíquica do bebê; pois além da necessidade vital da alimentação, há todo um investimento libidinal da mãe para com o seu filho, investimento este indispensável para o seu funcionamento psíquico. Esta vivência deve proporcionar ao menos um mínimo de prazer e será representado psiquicamente pelo originário. Assim, esta psicanalista compreende a vivência de satisfação como a ocasião do encontro inaugural boca-seio. É neste encontro que coincide, uma única vez, o desejo materno que o recém-nascido demande o seu seio e a demanda do bebê de que a mãe o deseje, do que resulta a identificação primária do bebê com as percepções coextensivas à resposta materna a sua demanda primária.

Sobre esta emergência do Eu no cenário psíquico, Aulagnier (1984, p. 215) aponta que “para fundar sua história, [este Eu] terá que encontrar um caminho e uma voz que lhe tornem possível pensar este antes”. Na identificação primária, o bebê se depara com um corpo externo ao seu cuja presença é alvo imediato de sua demanda libidinal. E para ‘pensar este antes’, este Eu deve ser pré-investido por

sua mãe. De outro lado, para Aulagnier (1984, p. 216), este “antes pode se revelar alternadamente um aliado ou um adversário”. Este aliado pode ser fonte de prazer e de investimento para o bebê; ou, ao contrário, a presença deste adversário pode se tornar fonte de desprazer, de não investimento libidinal pelo bebê.

O Processo Primário.

O processo originário funciona sozinho apenas por momentos. Para dar conta da ausência e do retorno materno que ocorre devido à separação entre o corpo do bebê e o corpo materno, entra em cena o modo de funcionamento primário. Este modo representa o vivido na psique por meio de uma fantasia. Assim, como o processo originário não reconhece nenhum signo de relação, o primário começa a funcionar desde muito cedo com o objetivo de dar conta das alternâncias de presença e ausência materna; como também do prazer e do desprazer decorrentes desta presença ou ausência.

Neste modo de funcionamento, o que caracteriza o seu modo de produção (1975, p. 70) “é uma figuração na qual, efetivamente, existe a representação de dois espaços; mas estes dois espaços estão submetidos à onipotência de um desejo só [...]”. A imputação da causa do vivido à onipotência do desejo do Outro (ou seja, o desejo do próprio bebê projetado em um dos pais ou em ambos) é o princípio que governa o primário. Todo prazer ou desprazer vivenciado nos encontros consecutivos com o Eu do Outro e com a realidade externa são representados na psique e imputados ao desejo do Outro de dar ou recusar prazer; já que este Outro³ funciona como um suporte que toda criança necessita para se constituir. Assim, o desprazer causado pela separação e o prazer do encontro, que satisfaz as necessidades do bebê e acalma as suas moções pulsionais, só podem ser a finalidade do desejo do Outro, sendo os atos de união e separação, atribuídos pelo bebê como manifestação, respectivamente, do amor ou do ódio.

Acredito que neste momento seja necessário responder a uma pergunta que considero central neste artigo: quando que se dá a entrada do pai em cena? Sobre a entrada do ‘outro sem seio’ em cena, Aulagnier (1975, p. 74) afirma:

“Nossa afirmação de que a entrada em função do primário implica no reconhecimento da presença de um seio separado do próprio corpo, fez-nos deixar de lado o que a ela se segue: o reconhecimento do ‘outro-sem-seio’, investido pelo primeiro representante do Outro na cena do real, através do qual a existência do pai e o reconhecimento do casal parental se preanunciam a psique”.

A partir deste outro espaço que vem a ser ocupado pelos atributos que testemunham a presença paterna, este espaço aponta para a existência de um objeto enigmático que possibilita ao Outro realizar um desejo que não se refere mais àquele que contempla a cena que, neste caso, seria a criança. Conseqüentemente, a partir da entrada do pai em cena, Aulagnier afirma (1975, p. 74) que “se organizará a infraestrutura de três elementos, que é a infraestrutura de toda organização fantasmática”. Esta organização é formada pelo representante do Outro (como a mãe), pelo outro espaço (que vem a ser ocupado pela entrada do pai em cena) e pelo olhar (do bebê) que percebe um afeto de prazer atribuído a relação existente entre os pais.

Para Aulagnier (1975, p. 75) “desde a primeira fase de sua atividade, o primário estabelece os protótipos do secundário, sem os quais a psique não poderia ter acesso ao que se tornará a terceira representação de sua relação ao mundo”. Estes protótipos ou modelos aludem à realidade, ao Eu, à castração e ao complexo de Édipo (cuja cena primária é o seu protótipo neste modo de funcionamento psíquico). Assim, com o início do funcionamento primário, são introduzidos na psique do bebê estes quatro modos de funcionamento prototípicos do secundário.

Em relação ao protótipo do Édipo, Aulagnier (1975, p. 79) assegura que a esta “figuração cênica acrescenta-se a qualidade ‘edípiana’ do que se passa na cena exterior [...]”. Lembremos que a cena primária é o protótipo do complexo de Édipo no primário. Isto significa que, no primário, o precursor do complexo de Édipo é formado pelos resquícios do Édipo parental. Se de um lado esta criança é a sucessora historicizada da criança que um dia cada um dos pais desejou ter; de outro, como

a representação fantasmática da cena primária é constituída por três elementos, na cena externa a psique do bebê observa a emergência do ‘outro-sem-seio’.

Esta emergência poderá ser fonte de prazer para o conjunto das zonas-funções-erógenas, tornando-se a presença deste pai desejada pelo bebê; ou, ao contrário, esta presença pode se tornar perturbadora e desprazerosa ao bebê. Assim é que toda fantasia contém em si uma cena com três elementos: o olhar do bebê contemplando um cenário no qual há dois objetos (desejados ou não) presentes.

Mas como ocorre a entrada do desejo deste ‘outro sem seio’? Para Aulagnier (1975, p. 78) “a partir do momento em que a criança coloca o desejo da mãe como diferente do seu, ela deverá figurar outro objeto, que não é ela própria, para este desejo”. Isto significa que quando a criança percebe a possibilidade de um desejo do Outro por um ‘outro espaço’, retirando-a de seu espaço exclusivo de prazer, a criança necessariamente renuncia a este espaço jubiloso no qual acreditava ser o objeto exclusivo do desejo da mãe e que a mãe a desejou como objeto único de seu prazer.

Em sua entrevista a Hornstein, Aulagnier (2010, p. 58) aborda sobre a entrada em cena do pai, afirmando que:

“desde o começo da vida o pai exerce uma ação modificadora sobre o meio ambiente que rodeia o recém-nascido. Mas, em quase todos os casos, uma pessoa- geralmente a mãe- tem um papel fundamental na resposta às necessidades do bebê – tanto as de autoconservação quanto as libidinais. É por isso que a partir dela surgirá o primeiro signo da presença do pai ou de sua ausência, e a escolha desses signos dependerá de sua relação com esse pai”.

Este pai, a partir dos choros e dos gritos de seu bebê, pode-lhe oferecer um prazer corporal, acariciando-o, aliviando-o de um desprazer através de seus toques e palavras e, como releva Aulagnier (1979, p. 79), “fazendo ressoar nos seus ouvidos uma seqüência fonemática, cuja tonalidade a transforma numa canção de ninar, cuja voz materna não é mais a única emissora”. Isto significa que a partir do momento em que a presença deste ‘outro-sem-seio’ é reconhecido pela criança, esta presença pode se tornar fonte de prazer corporal para a mesma, revelando-se para o conjunto de suas zonas-funções erógenas como fonte de prazer, mesmo que essa presença possa, em certos momentos, tornar-se perturbadora.

O Processo Secundário.

E para abordamos o secundário, é necessário ressaltar que para Aulagnier (1975, p. 28) “os três processos [originário, primário e secundário] não estão imediatamente presentes na atividade psíquica; eles se sucedem temporalmente [...]”. A entrada em cena do modo de funcionamento secundário coincide com o advento do Eu. Assim, o secundário é o modo de funcionamento psíquico que é próprio ao Eu ou instância enunciante.

Em relação ao secundário, Aulagnier (1975, p. 59) declara que:

“a partir do momento dado, que marca a passagem do estado de infans ao de criança, a psique vai conjuntamente adquirir os primeiros rudimentos de linguagem e uma nova ‘função’ daí resultará a constituição de um terceiro lugar psíquico, no qual todo existente deverá adquirir o status de ‘pensável’, necessário para que ele adquira o atributo de dizível. Este pensamento-dizível pode ser definido pelo termo de inteligível: assim se estabelece uma ‘função de intelecção’, cujo produto será o fluxo-ideativo que acompanhará o conjunto da atividade, da mais elementar a mais elaborada, da qual o Eu pode ser o agente”.

Aulagnier entende a passagem do estado de bebê ao de criança a partir do momento da entrada em funcionamento do modo de funcionamento secundário, através do qual ocorre a aquisição dos

primeiros rudimentos da linguagem. De outro lado, no secundário, toda a atividade do Eu se traduz em um fluxo pensante; isto significa que o dizível, o inteligível torna-se o atributo das produções do Eu. Assim, toda vivência somente terá a sua existência se a mesma puder ser acompanhada de uma idéia que a torne pensável e dizível.

Conclusão

A partir dos três modos de funcionamento psíquico, pode-se afirmar que tanto o desejo materno como o paterno estão presentes desde o nascimento do bebê. A compreensão de sua singularidade e intensidade destes desejos são fundamentais para a análise da história libidinal e identificatória de cada sujeito.

Como o Eu do bebê é pré-enunciado e pré-vestido pela mãe, não podemos esquecer que a imagem do bebê construída ao longo da gestação, a qualidade e a intensidade deste investimento são fundamentais para o seu futuro desenvolvimento psíquico, tal como o recalco infantil de ambos os pais; já que este possibilitará um investimento singular e autônomo em cada filho. De outro lado, o não reconhecimento do desejo paterno pelo discurso materno assinala a causa do destino psicótico pois é em relação à figura paterna que a mãe faz referências para demonstrar a legalidade de seus modelos, sendo ao lado desta que o bebê vai encontrar as verdadeiras razões da existência paterna.

Referências Bibliográficas.

AULAGNIER, Piera. (1975). Nota Preliminar. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. (1975). A atividade de representação, seus objetos e sua finalidade. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. (1975). O processo Originário e o Pictograma. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. (1975). A Representação Fantasmática do Processo Primário: imagem de coisa e imagem de palavra. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. (1975). O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: *A Violência da Interpretação – do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

_____. (1979). Prazer necessário e Prazer Suficiente. In: *Os Destinos do Prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. (1984). Um Discurso No Lugar do “Infans” (TO-T1). In: *O Aprendiz de Historiador e o Mestre Feiticeiro*. São Paulo: Escuta, 1989.

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. *ESB*, vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAUFMANN, Piere. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

VIOLANTE, M. Lucia V. (org). *Desejo e Identificação*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. (2001). Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra de Freud. São Paulo: Via Leterra Editora, 2001.

¹ Doutorando e mestre pelo núcleo de Psicologia Clínica (núcleo de Psicanálise) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP).

² Segundo Pierre Kaufmann, infans é “um termo que o próprio Lacan emprega para qualificar a criança antes que ela utiliza a linguagem [...]”. Kaufmann, Piere. *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.157.

³ Este Outro pode ser a mãe ou o pai que aludem a uma ordem cultural para o bebê.